

## Cânone tardio do *Parnaso Mineiro*, 1887.

M. Francelina Silami Ibrahim Drummond  
Instituto de Letras e Linguística- UFU

O *Parnaso mineiro*, de Francisco Coelho Duarte Badaró, é uma antologia de poetas mineiros dos séculos XVIII e XIX publicada em Ouro Preto em 1887.

Indexada por Rubens Borba de Moraes como obra rara provavelmente pelo exíguo número de exemplares que resistiram ao tempo, essa antologia é desconhecida das histórias da literatura brasileira. Martins de Oliveira a menciona de passagem, citando o nome de Duarte Badaró como *autor de algumas linhas críticas* e do romance *Fantina* (OLIVEIRA: 204).

Não há dados sobre a tiragem do *Parnaso mineiro*, nem mesmo sobre outras edições da obra. A folha de rosto apresenta o nome do autor no alto da página; ao centro, o título e subtítulo *notícia dos poetas da província de Minas Gerais*; abaixo, separada por vinheta, a citação latina *Paulo majora cananus* (Virgílio, *Égloga IV*) e, ao pé da página, referência da tipografia, local e data.

Foi publicado na tipografia da *Província de Minas*, jornal semanal de filiação monárquica e contrário à mudança da capital de Ouro Preto, cujo proprietário e redator foi o historiador Xavier da Veiga, ao longo de duas décadas. Esta tipografia funcionava como empresa jornalística que sempre manteve equipe numerosa de profissionais ligados à arte da impressão, e, ao contrário de alguns jornais da época, como o *Liberal Mineiro*, aceitava publicar matéria de outras tendências políticas, como, por exemplo, *A Vela do Jangadeiro* e *O Trabalho*, de feição abolicionista, além de jornais e revistas literárias: *Crysalida*, *Revista Mineira*; *União Escolástica*, *O Panorama*, *A Inconfidência*, *Resenha Jurídica*, todos da década de 80. Publicava livros e folhetos, volantes e impressos em geral, exibindo sólida aparência de empresa jornalística que sobreviveu por mais de duas décadas. Proclamada a República, o jornal *Província de Minas* passou a intitular-se *A Ordem* (mesmo nome da tipografia) cujo primeiro número que saiu em 27/11/1889, doze dias apenas após a queda da Monarquia, manteve a tendência conservadora, em oposição à República. (DRUMMOND:1986)

Francisco Coelho Duarte Badaró<sup>1</sup> nasceu em Piranga, Minas Gerais em 1860 e faleceu em Belo Horizonte em 1921. Fez os estudos preparatórios em Ouro Preto entre 1875/1878 para ingressar na Faculdade de Direito de São Paulo onde concluiu o curso em 1883. Em 1884, foi nomeado promotor de Minas Novas e representou Minas como deputado constituinte na Assembléia da República em 1891. Coutinho e Souza (2001) destacam Duarte Badaró como jornalista e orador, autor de *Discursos parlamentares* publicados em 1893.

Em 1881, ainda acadêmico em São Paulo, publicou pela Garnier o romance *Fantina* onde trata o mesmo tema da escravidão que Bernardo Guimarães protagonizara com a *Escrava Isaura* de 1875 e, mais tarde, *Rosaura, a enjeitada*. Laços de amizade e admiração intelectual os uniam. A primeira edição de *Fantina* ostentava o aval de Bernardo que ratificava sua já conhecida crítica aos caminhos da prosa de ficção brasileira:

“Meu caro Badaró:

*Em meu entender, estréas lindamente a tua carreira de romancista; e si o gosto litterario não está ainda inteiramente pervertido, o teu livro será acolhido com*

*applausos e obterá consideravel successo(...) Caracteres bem delineados e bem sustentados, lances e peripecias bem conduzidos, dialogo sobrio e animado dão muita vida, interesse e realidade ao teu romance; ao passo que uma linguagem correcta, elegante e pura, sem degenerar em lusitanismo, e tambem muito brasileira sem descair no americanismo, de que tanto abusam alguns escriptores nacionaes, fornece-lhe o verniz ideal, de que não se pode prescindir em toda a producção litteraria.*

Não conheço, até o momento, indicações sobre a formação intelectual e literária de Duarte Badaró, embora *Parnaso mineiro* revele a intenção empenhada do autor em demarcar posição política e estética entre grupos de intelectuais mineiros da época. As idéias de Bernardo Guimarães certamente influenciaram o autor na crítica feita a nomes consagrados da história da literatura brasileira, à hegemonia da Corte na definição do cânone literário e defesa da expressão regional na ficção.<sup>2</sup>

O *Parnaso mineiro* abre-se com *Introdução* em páginas numeradas de II a XIV, seguindo-se a antologia, em páginas de 15 a 105 e o índice das matérias. Reúne dezessete poetas mineiros – quatro do século XVIII: Cláudio, Basílio da Gama, Santa Rita Durão e Silva Alvarenga, e treze do XIX: José Elói Otoni, João Joaquim da Silva Guimarães, Pe. Manoel da Silva Guimarães, Pe. Correia de Almeida, Bernardo Guimarães, José Pedro Furst, Jaime Augusto de Castro, Aureliano Lessa, Afonso Celso Júnior, Pedro Fernandes, Randolpho Fabrino e Antônio Augusto de Lima. Correspondia, portanto, a um século de história da poesia que omitia, entretanto, as poetas, como Beatriz Brandão e Priciliana Duarte, já reconhecidas àquela época.

No gênero didático das antologias, Duarte Badaró apresenta ao leitor sucinta biografia dos poetas, em linguagem direta que vincula autor/obra/época em rápida abordagem crítica. Às vezes, é ele próprio quem fala, avaliando a qualidade da poesia:

*Os seus sonetos não são inferiores aos de Bocage, apesar de vasados propositalmente nos moldes da poesia melancholica e scismadora de Petrarcha. Na variedade dos metros era riquíssimo, um nababo.*<sup>3</sup>

*(...) Na sua palheta predominão as cores locaes, que dão muita vida e realce ás descripções das scenas largas e radiantess do nosso paiz.*

Ou faz alusões à situação da leitura, preferências e gostos do público:

*Mais uma vez incito este grande poeta a publicar os seus trabalhos litterarios; pois virão, não digo satisfazer uma necessidade pública, porque essa nossa gente hoje em dia é inimiga dos bons versos, e só aprecia o recitativo piegas declamado tragicamente ao piano, mas*

*com certeza marcar um lugar distinto e salientissimo na litteratura pátria.*<sup>4</sup>

Recorre com frequência à citação de críticos para comentar poetas. Ou ainda procede à análise histórica e política do poeta biografado, a exemplo de Cláudio, de cujo suicídio duvida e para quem reclama reconhecimento:

*Foi preso quando se descobrio o plano revolucionário, e não sei com que fundamento se tem affirmado em todos os tons que preferio cobarde ao patíbulo glorioso, enforvcando-se na prisão a 2 de julho de 1789. Muita pulha se tem escripto sobre este brasileiro emérito, cujos restos mortaes dormem perdidos anonymente na valla comum. Nem uma pedra, nem uma inscrição que conte ao viajante curioso o encerro do despojo venerando.*

*Justiça da posteridade...*<sup>5</sup>

Ao final de cada texto biográfico, segue-se um poema que ilustra, por assim dizer, aquela apresentação. O modelo se repetiu em nossa história literária a partir do *Parnaso lusitano*, de Garrett, de 1826 que teria o primeiro rebatimento poucos anos depois no *Parnaso brasileiro*, de Cônego Januário da Cunha Barbosa, e mais tarde ecoaria no homônimo *Parnaso brasileiro*, de Pereira da Silva, cujo primeiro tomo saiu em 1843. Ao longo de todo século XIX, o termo *parnaso* se repetiu para designar as coletâneas de poetas, antes mesmo que a famosa *batalha do parnaso*, de 1878, mostrasse a polêmica entre românticos e parnasianos travada na imprensa carioca. É, portanto, irrelevante, localizar a influência mais imediata sobre o *Parnaso mineiro*, haja vista a reincidência de obras semelhantes na formação da história literária brasileira. Apesar de não citar fontes bibliográficas – tal o costume da época –, ao longo dos textos é possível elencar leituras do autor.

No âmbito da história literária, cita o trecho do *Parnaso lusitano*, de Garrett<sup>6</sup>, ao comentar a poesia de Santa Rita Durão: *Muito havia que a tuba épica estava entre nós silenciosa, quando Durão a embocou para contar as romancescas aventuras de Caramuru*. Certamente lia e acompanhava as discussões e os juízos da crítica, como a de Machado de Assis. Refere-se a Pereira da Silva e Joaquim Norberto,<sup>7</sup> criticando a ambos pelas abordagens da poesia de Cláudio. Revela uma especial indiossincrasia à versão de Norberto sobre a Inconfidência Mineira que teve o *único fito de desnaturar aquelle nobre e generoso levantamento dos espíritos mineiros*. Ataca Cônego Fernandes Pinheiro de fazer *história de rabicho e litteratura de caturra*,<sup>8</sup> não o desculpando pelo crasso erro em atribuir a São João del Rei, e não Ouro Preto, o local de nascimento de Silva Alvarenga. Consultou Ferdinand Wolf (sem se referir diretamente ao *Brasil literário*) e discorda com veemência dos comentários elogiosos de Castilho e Camilo Castelo Branco<sup>9</sup> a um poeta satírico mineiro, Pe. Correia de Almeida. Conhecia, enfim – e seu texto diversas vezes o revela – da crítica de Bernardo Guimarães publicada em apresentações e prefácios e também divulgada na imprensa. Duarte Badaró é discreto, mas fiel à tradição oitocentista do uso de epígrafes e citações clássicas, em latim e vernáculo. Elas sugerem erudição de quem também cita Santo Agostinho, Chateaubriand e Cooper.

Na introdução, Duarte Badaró declara ter-se dedicado à obra com espírito nacionalista de quem testemunhava o descaso pela leitura e a convivência de diferentes correntes literárias:

*Repete-se, voz em grito, aqui e além, que não há mais mestres nem escolas, e que também os brasileiros estamos em estado de completa anarquia artística onde todos são os rebeldes.*

As noções de nação e cultura é que norteiam, de maneira geral, o propósito da organização da antologia. Instigavam-no a tradição - *Nosso passado literário foi brilhante* – e a apatia de sua época – *O presente é desanimador*, porque havia poucos leitores de poesia, desinteresse dos jovens, ocupados em ganhar a vida em suas profissões e, talvez o mais grave, a ação servil do artista brasileiro curvado às influências estrangeiras:

*O artista é que abate-se, esteriliza-se ou amarelece às obras com a cópia de moldes estranhos e perversores, trancando destarte as janelas ao sol desta terra para trabalhar à candeia de uma estética arruinada.*

O autor volta a insistir na tecla romântica da vinculação do escritor às coisas da pátria, aos costumes e à natureza, tomada como condição de grandeza e glória:

*Como quer que seja, a mim me parece que nenhum escritor, poeta ou prosador, será realmente grande sem que tenha sempre os olhos postos na pátria, isto é, na família, nos penates, nas afeições, nos hábitos de seus concidadãos, na língua, na religião e no próprio céu.*

No entanto, é a noção de regional que se revela com clareza no pensamento de Duarte Badaró. Afirma-se apenas um *dilectante*, e não crítico ou historiador, mas não esconde estar atento à expressão regional que a literatura brasileira tomava e a divisão da crítica acerca dessa discussão. Reconheço nesse traço a presença mais marcante da obra de Bernardo Guimarães que defendia o aproveitamento do conteúdo regional como matéria literária já prefácio do primeiro romance, *O ermitão de Muquém*, em 1858. Duarte Badaró reconhece que a diversidade cultural do Brasil, dividido em litoral e sertão, determinava uma população de *civilizados*, *sertanejos* e *selvagens*. O recorte provincial do cânone correspondia, de certo modo, ao reconhecimento de *regionalidades* e não, da noção abstrata de *nacional*. História regional da literatura: o objetivo mais importante do *Parnaso mineiro*. Por isso é que, na introdução da antologia, Duarte Badaró amplia a discussão e sugere que os conteúdos culturais de cada segmento devam ser aproveitados como tema pelo escritor, *com grande proveito para a nossa nacionalidade*.

O conceito de “nacional” subordina-se à noção de *diversidade cultural* do país, cabendo à literatura – e não à religião ou a política – o papel de agente de organizador e

representador daquele conceito. Para isso se efetivar, o autor identifica os gêneros mais adequados a absorver os traços culturais da população brasileira como matéria literária. Colado à crítica que Machado de Assis fez à *Iracema* em 1866, Duarte Badaró argumenta que, enquanto os habitantes do litoral fornecem temas à comédia e sátira, *os selvagens, na sua vida rude e quase homérica, dão assunto fertilíssimo para quadros na epopéia, na lenda e no romance*. O autor curva-se à vida do sertão como modelo exemplar de imitação e tema especial na construção da nacionalidade, que vai às fontes da cultura tradicional e folclórica:

*As vaquejadas, as corridas, as justas, as descantes ao som da viola, as danças, as festas nas ermidas brancas e solitárias, como garças aflitas no meio da verdura dos campos; a hospitalidade, a bravura, a docilidade do trato, a desconfiança com seus amores, a altivez e as abusões, tudo isso que forma o caráter do sertanejo a mão do poeta patriota deve aproveitar.*

O destaque dado ao sertanejo, e não mais ao índio, confirma que Duarte Badaró partilhava idéias e concepções estéticas defendidas por Bernardo Guimarães – e realizadas n’ *O garimpeiro*, *A filha do fazendeiro*, *Jupira* e *O índio Afonso*. Essas obras, todas da década de 1870, opõem sertão/cidade e suas representações literárias, a partir das quais se firmaria a inflexão regional no romance brasileiro.

Embora à primeira leitura o *Parnaso mineiro* pareça um texto despojado de intenções, *sem urdidura científica*, como o próprio autor afirma, e destinado apenas a difundir poetas da terra, pode-se observar que ele tem a intenção de ser tribuna de onde o autor desfere farpas. Diversos são os destinatários e os temas. Ataca nomes eminentes da história literária – Joaquim Norberto e Pereira da Silva; o tradicionalismo do Cônego Fernandes Pinheiro e bate contra a permanência de lusitanismos na apreciação da literatura brasileira (Garrett e Castilho), espécie de tributo servil a que ainda alguns críticos e escritores se curvavam. É implacável, por exemplo, contra o poeta José Elói Otoni pela atitude de apego ao modelo literário português e o servilismo com que viveu à sombra do poder metropolitano e, depois, imperial. Diz:

*Este poeta nasceu no Serro em 1764, e em vez de cantar o pobre quatro vinténs que banha a cidade natal, consumia o tempo queimando fogos de artifício em honra do Tejo. Língua, costumes, tradições, tudo elle esqueceu para identificar-se com Portugal.*

Inclui José Elói Otoni na antologia, mas justifica sua atitude, tornando mais eficaz o protesto:

*O seu nome figura no Parnaso Mineiro porque fiz proposito de apanhar todos os poetas filhos desta*

*província; do contrario quem comeu o doce que lambesse o taxo (sic), no pittoresco dizer dos caipiras.*

De maneira apaixonada – e declarando fazer justiça a nomes de poetas caídos no esquecimento do público e da crítica - apresenta o poeta satírico Silvério Ribeiro de Carvalho, o Padre Paraopeba, a quem dedica o mais extenso texto biográfico e transcreve diversos poemas:

*A veia poética do padre Silvério era fecunda e facil: exercitou a poesia de alto coturno, cantou heroes em clave altiloqua; escreveu satyras de mordacidade verdadeiramente caustica e outras de impagável galhofa innoxensiva. Na poesia amorosa deixou-nos admiráveis lyras, onde cantou um amor ideal, alevantado e meigo, digno das creaturas predestinadas pelo raio da formosura...*

O contraponto a esse comentário elogioso à obra do Padre Paraopeba aparece na crítica mordaz, até impiedosa, a outro poeta, o Padre Correia de Almeida, o satírico “oficial” da elite mineira sob influência da cidade de Barbacena. A polêmica com o padre-satírico tem raízes também em motivações oficialistas e antilusitanas. Em 1863, Ferdinand Wolf citava o poeta n’ *O Brasil literário*. Em 1869, Padre Correia recebera carta de Antônio Feliciano Castilho, dizendo-se *admirador, confrade, amigo e servo* do poeta mineiro e elogiando seu poema *Carnaval*, publicado no livro *Sátiras, epigramas e outras poesias*. (MAIA:140) A discussão em torno do poeta satírico é recorrente, pois ele já tinha sido alvo da vigorosa crítica de Bernardo Guimarães e da polêmica travada nas páginas do jornal *Actualidade*, do Rio de Janeiro em 1859. O sentido dessa polêmica, usual no século XIX, ultrapassava a mera poesia do padre, para focar sua personalidade política e representativa de certas facções intelectuais em Minas, polarizadas entre Ouro Preto e outros centros como Barbacena (e, em outros casos, a cidade de Campanha). De certa forma, Duarte Badaró reacende essas linhas só aparentemente esmaecidas pelo tempo ao retomar a biografia e a poesia do Padre Correia de Almeida, ironizando:

*O poeta de Barbacena trabalha muito bem e tem publicado dez volumes de satyras, e comtudo as nossas necessidades não estão satisfeitas. Será da mira ou do alvo o defeito dos tiros? Pena é que o poeta não seja mais original e desperdice precioso tempo metrificando bagatellas coevas de Augusto como a que ao diante se lê...*

O repertório do *Parnaso mineiro* nada tem de ingênuo e despretensioso, apesar da aparência um tanto quanto jornalística e noticiosa. Ele é uma expressão tardia do gênero que, sob denominação de *florilégios*, *ramalhetes* e *parnasos*, constituiu as

bases da história da literatura e da crítica brasileiras na primeira metade do século XIX. Antes dele não se tem notícia de outra publicação com semelhante propósito de inscrever e reinscrever poetas mineiros na tradição literária, de corte regional. O próprio autor afirmou *que me constasse, ainda ninguém havia tentado fazer um ramalhe literário com os nomes dos bons poetas da terra mineira* (muitos já conhecidos e outros, não consagrados), apresentando seu *parnaso* como primeiro empreendimento no gênero. Tal fato garante, assim, ao *Parnaso mineiro* o crédito de *texto fundador* na história literária de Minas que faz o recorte provincial no cânone nacional. É a primeira história da literatura mineira.

Finalmente, é possível lê-lo sob três perspectivas: 1) a da visão particular do autor sobre literatura; 2) a da visão regional que presidia discussões culturais à época; e 3) a da integração do autor no grupo de intelectuais mineiros, denominados *antimudancistas*, contrários à transferência da capital de Ouro Preto, tema cogitado desde a década de 1830 e debatido com vigor na década de 80, quando o *Parnaso mineiro* foi publicado.

Isso não deixa de ser singular, apesar de tardio, haja vista que a literatura em Minas, liderada pelos poetas árcades no século XVIII, teve continuidade ao longo do XIX, nos diversos gêneros, não apenas em Ouro Preto, mas igualmente em São João del Rei, Diamantina, Barbacena, Serro, Sabará, Mariana e noutros centros urbanos.

## Bibliografia

- BADARÓ, Francisco Coelho Duarte. *Parnaso mineiro*. Ouro Preto: Typ da Província de Minas, 1887.  
BADARÓ, Francisco Coelho Duarte. *Fantina*, cenas da escravidão. Rio de Janeiro: Garnier, 1881.  
COUTINHO, A.; SOUZA, J. Galante. *Enciclopédia da literatura brasileira*. São Paulo: Global; Rio de Janeiro:BN, ABL, 2001. 2 v.  
DRUMMOND, M. Francelina S. Ibrahim. *A imprensa de Ouro Preto no século XIX*. Ouro Preto: Ufop, 1986 (digit.).  
DRUMMOND, M. Francelina S. Ibrahim. *O Recreador mineiro* (1845-48): rastros do leitor e da leitura na primeira revista literária de Minas Gerais. UFMG: Faculdade de Letras, 1995. (dissertação de mestrado, digit.).  
MAIA, Zenaide Vieira. *A poesia satírica do padre-mestre Correia de Almeida*; uma espécie oblíqua do fazer poético. Rio de Janeiro: Galo Branco, 2004.  
MACHADO DE ASSIS, J. M. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, volume III. (Crítica: *José de Alencar*; *Iracema*, 848- 852)  
MAGALHÃES, Basílio de. *Bernardo Guimarães*, esboço biographico e critico. Rio de Janeiro: Typ do Annuario do Brasil, 1926.  
MARTINS DE OLIVEIRA. *História da literatura mineira*; esquema de interpretação e notícias biobibliográficas. 2ª ed. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1963.  
MORAES, Rubens Borba de. *Bibliografia brasileira do período colonial*. São Paulo: IEB/Usp, 1969.  
WOLF, Ferdinand. *O Brasil literário*. São Paulo: Nacional, 1955.  
ZILBERMAN, R.; MOREIRA, E. *O berço do cânone*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.

---

## Notas

<sup>1</sup> O mesmo sobrenome Coelho Duarte e a procedência mineira sugerem aproximação entre Francisco Badaró e Feliciano Coelho Duarte, o jovem estudante de Direito cujo suicídio por amor contrariado abalou a Faculdade de Direito de São Paulo em 1850. Álvares de Azevedo e Bernardo Guimarães, contemporâneos na faculdade, lhe fizeram os elogios fúnebres.

<sup>2</sup> O romance *Fantina* também revela filiações intelectuais merecedoras de abordagem à parte.

<sup>3</sup> *Parnaso mineiro*, p.22

<sup>4</sup> Id., p. 101-102

<sup>5</sup> Id., p. 18

<sup>6</sup> *Parnaso mineiro*, p. 82

<sup>7</sup> Id., p. 19

<sup>8</sup> Id., p.27

<sup>9</sup> Id., p.54